



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

10 de Fevereiro de 2001 • Ano LVII - N.º 1485
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Notas do Tempo

DISCORRER é uma operação que facilmente nos leva por onde não pensávamos ir se, à partida, não há um esquema rígido. Foi o que me aconteceu a passada quinzena: A comparação dos tempos fugiu de dentro das nossas Casas onde tencionava analisá-la, para o mundo que nos enquadra. E o que quero dizer é que este mundo, hoje mais farto de bens materiais, gera dentro das nossas Casas comunidades mais pobres do que decénios atrás quando a fome estava quase sempre na origem do processo que nos trazia cada rapaz.

Agora são outras fomes mais intensas e perturbadoras da personalidade: a falta de cuidados e de segurança que o caos familiar, se não a total ausência de raízes, produzem.

Não é sem fundamento que os relatórios dos Técnicos passaram a substituir os nomes tão fáceis e espontâneos de mãe e

pai (os primeiros que as crianças aprendem a dizer) pelo mais complicado de progenitores. Esta mudança verbal significa uma realidade profundamente marcante na alma das crianças, que elas arrastam, às vezes, a vida inteira. Progenitores todos os seres vivos os têm. No reino animal encontram-se frequentemente sinais, duradouros alguns, do vínculo que a geração institui. O que não será a falta ou debilidade deste vínculo na área dos humanos?!

Eu não sei se a maior pobreza de valores com que nos deparamos relativamente a gerações mais antigas de rapazes, se filia apenas em níveis intelectuais, se no vazio crescente de humanidade que os envolve e a nós todos... Ao ler as informações do aproveitamento escolar dos nossos da Primária,

Continua na página 3



Miranda do Corvo: Tudo o que é possível serve-lhes para brincar!

25/12/2000

Natal

CELEBRÁMO-LO com muita alegria. O grupo coral esteve à altura. Os dançarinos «litúrgicos», também.

Conseguimos ter, cada um, a sua prenda! Prendas simples: carrinhos sem pilhas, bonecos sem corda, roupa sem marcas... A sua distribuição foi uma alegria

Malanje

na noite! Alguns enganos: Ao Dorito, de 11 anos, tocaram umas calças que seriam as do Gungunhana!; a outro, já matulão, uma camisa de bebé; a mim, um boneco de veludo com cartola de clérigo. A verdadeira alegria não está nas coisas, somente no coração.

Pensei muito, durante o nosso jantar, no Natal dos bairros de deslocados que circundam a nossa Aldeia. Natal sem neve, sem lareira, sem fogo e, em quase todos os lares, simplesmente, o punhado de farinha da viúva de Sarepta.

26/12/2000

Presentes de Natal

CHEGOU o Fafá. Veio num camião que trazia carga de um comerciante para o Natal. Partiu de Luanda no dia 17 e chegou, hoje, 26. É a guerra. É a estrada esburacada.

O Fafá foi, há três anos, para a sua mãe na esperança de encontrar vida melhor. Somente, enfrentou-se com uma vida dura, carente e sem esperança.

Encontrei-o em Luanda e tive pena do seu estado e braços caídos... Que sim e consegui-lhe boleia no dito camião.

Espero que a sua experiência seja um sinal de alarme para alguns companheiros que não estão aproveitando o tempo favorável.

27/12/2000

Prenda amarga

O Luage trocou a um homem da sanzala umas botas por uma franga bem pequenina e magra.

Os chefes estão preparando uma prenda amarga para o Luage. Merece. O sofrimento redime.

28/12/2000

Uma tradição

ALGUMAS casas comerciais lembraram-se de nós! Renovamento duma tradição:

Teixeira & Lemos, com fuba e feijão; Galantinho, com peixe e arroz; Galjopina, com açúcar, arroz, farinha, marmelada e sambapitos. Sambapitos! (são loucos por eles — os nossos rapazes). Também a Sonangol com os mimos habi-

tuais; a empresa Corod, idem. O senhor Bispo, presente.

O PAM e a Cáritas são aquelas ajudas constantes, sem as quais seria muito custosa a nossa subsistência.

Padre Telmo

CALVÁRIO

Um hino

TUDO na vida tem duas faces, pelo menos: uma positiva, outra negativa.

Ora diz a física elementar que só há luz quando o mais está ligado ao menos: sabem conviver.

Eu podia neste momento lamentar-me por não ter ninguém permanente nesta Casa ao serviço dos doentes. De facto, não temos mesmo ninguém. E daqui podia nascer uma torrente de lamentações, de inquietações, de censuras ao comodismo da Igreja a que estou ligado e que já não consegue despertar vocações radicais, senão excepcionalmente e para serviços menos apagados do que este. Podia lamentar-me. Mas não. Não são contas do meu rosário.

Nesta altura prefiro cantar um hino e bem alto às capacidades do ser humano quando é limitado e frágil. Nesta Casa de doentes tudo vai girando com razoável normalidade. Todos os dias vou descobrindo novas capacidades em cada um. E constato que há entre eles uma ajuda perfeita, uma dedicação total e uma lição bem dada de saber viver com limitações e pobreza de meios.

Todos parecem felizes porque, afinal, são capazes de tanta coisa! É uma colmeia em que tudo vai saindo certo, doce, agradável. A abelha mestra ninguém a vê. Não sei mesmo onde ela pára.

Todo o homem é capaz de realizar muito mais do que supõe. Assim o queira. Assim o deixem realizar. Assim lhe apontem o caminho.

Continua na página 4

O nosso «Depósito» no Porto

Fez em 31 de Janeiro um ano que deixou de ser no Espelho da Moda e, na tarde desse mesmo dia, já funcionou na CASA DINA onde ora é.

O estado quase intransitável das ruas mais centrais ajudou a mitigar saudades e a ultrapassar hábitos — pouca apetecê por lá passar! E a CASA DINA fica bem no centro, onde ainda se conserva com vivacidade a tradição comercial da loja à beira da rua. Eu gosto mais. A gente vê-a à luz do dia e a sua presença é uma natural animação, sempre, e agora que tanto se fala da «animação das ruas»... à custa de artifícios.

O balanço do ano patenteia que a mudança foi bem acolhida e não houve alteração no movimento dos Amigos da Obra da Rua e Assinantes d'O GAIATO, a quem faz jeito um lugar no centro da Cidade para entrega dos seus dons e comunicação dos seus recados. Graças a Deus!

A dificuldade maior para alguns foi identificar a Rua da Conceição, que se descobriu ser um nome menos no ouvido do Povo. Mas quando se diz

que tal Rua começo no alto da Picarria, cruza com José Falcão e termina naquele Largozinho triangular, com um belo fontenário a rematá-lo, onde principia a Rua dos Mártires da Liberdade, as dificuldades ficam resolvidas — são nomes e lugares que todos conhecem. De resto, neste mesmo Largo, a CASA DINA tem outras duas lojas, as quais, se encontradas primeiro, dão informação e indicam o acesso ao n.º 100 da Rua da Conceição onde se fazem os contactos pra GAIATO. Coisa de cinquenta metros a distância a vencer!

Sem jamais podermos esquecer todos os que, durante cinquenta e sete anos, foram uma presença da Obra da Rua no atendimento de quantos a procuraram no n.º 54 da Rua dos Clérigos — a estes mesmos, pela amizade calorosa com que sempre nos representaram, deixamos-lhes aqui o conhecimento feliz de que foram rendidos por quem se colocou na mesma linha de serviço amorosamente prestado. A uns e outros seja Deus a compensá-los.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS 2000 — Foram já apresentadas aos órgãos superiores da S.S.V.P. E temos obrigação moral de as revelar, também, a quem, dia-a-dia, dá um pouco de si aos Pobres que servimos.

O ano passado, registámos seis mil e tal contos por intermédio d'O GAIATO e cerca de duzentos, como receita diversa. Gratos em nome dos Pobres.

Durante os trezentos e sessenta dias do ano 2000, prestámos a 30 famílias um total de mil contos de auxílio domiciliário. Seiscentos, na botica. Quinhentos, à Casa Ozaman. Quatrocentos e sessenta, para aflições a cargo de outros vicentinos. Cento e sessenta e nove, contribuição para a S.S.V.P. Por fim, cento e trinta, em rendas de casa; três mil trezentos e oitenta, na reparação e ampliação de cinco moradias do Património dos Pobres — as primeiras que Pai Américo ergueu, aqui, na década de 50 — e em pequenos auxílios a sete autoconstrutores, etc.

No etc., incluímos viúvas com magra pensão de sobrevivência. Doentes acamados e não acamados, com tratamentos e dietas específicos. Qual reposição do Calvário de Jesus. Também, mulheres cujos maridos abandonaram o lar...

A cada passo, às mãos dos vicentinos chegam brados de quem sofre, que denunciamos n'O GAIATO — acha de Fogo que Pai Américo fundou há mais de cinquenta anos para servir a Deus e ao Próximo. Lembramos essa aventura como se fosse hoje...!

A VOZ DO PAPA — Pelo corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, exortou a comunidade internacional: «A combater em todas as circunstâncias e em todo o lado, a pobreza, a marginalização, o analfabetismo, as desigualdades sociais, a vergonha do tráfico de seres humanos (...). O século que ora termina — acentuou — passará à história como o século que conheceu as maiores conquistas da ciência e da técnica, mas também aquele no qual a vida humana foi desprezada da maneira mais brutal».

PARTILHA — O assinante 20909, de Leça da Palmeira, esteve entre nós, e deixou um cheque e um donativo de pessoa amiga.

Porto: Assinante 13862, com dez mil, «que se destinam aos

Pobres». Outrotanto, da assinante 8632, também do Porto. «O restante, de contos», pela mão da assinante 21198, da Capital. Mais Porto: Remessa habitual da assinante 14493. Outro cheque, da assinante 28285, da Capital, «pedindo que o excedente seja entregue a velhinhos e só». É muito grave o problema da solidão!

Luso: Cinco mil, do assinante 53241, «ficando ao vosso cuidado utilizá-los onde for mais necessário». Mais «um excesso destinado a um doente», pela mão do assinante 8286, de Lisboa. «Pequenina ajuda», do assinante 9790, de Perosinho, que expressa uma oração: «Os nossos olhos vejam sempre no nosso irmão o rosto do Senhor».

Dez mil, da assinante 26697, de Torres Vedras, «para a farmácia de um doente». São contos de dezenas de contos, todos os meses! Vale de correio, «para os vossos Pobres», enviado pela assinante 34220, de Lavadores (V. N. Gaia). Edla, de Coimbra, universidade de Pai Américo, manda mais um cheque.

Alhandra: Assinante 11516, «um pouco atrasado» — confessa — «aquí está, para minorar as necessidades de quem precisa». Agora, vem lá «um pequeno contributo com a melhor boa vontade», da assinante 31422, de Vila Nova de Gaia. Outra vez Coimbra, com «pequena ajuda» da assinante 20174. Trinta mil, da assinante 17148, de Cardigos, «para aplicarem como entenderem e agradeço darem-me a oportunidade de fazer algum bem a alguém de verdadeiramente necessária». Como os últimos são os primeiros, chega a partilha, amorosa, da Conferência Vicentina de Gavião, pela mão da sua presidente, a nossa assinante 27713. Caminhamos na mesma barca! E mais o cheque mensal da assinante 31104, de Lisboa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, c/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

POMBAL — Agora está mais bonito, com um jardim por fora. Tem canários, periquitos, rolas, pombas, etc. Quem trata dele com muito carinho é o João e o Paulo. Se alguém quiser oferecer pássaros, que seja ao João. Agradecemos.

MAU TEMPO — Cada vez estraga mais os terrenos, os caminhos, etc. A nossa roupa não seca; e, também, nos tempos de recreio não podemos brincar e jogar a bola...! Pedimos a Deus que venha sol...

LENHA — Os rapazes que fazem limpeza às ruas, pararam porque chove muito. Agora, no tempo frio, é mais difícil traba-

lhar. Temos andado aos codesos para fazermos vassouras e arrumarmos a lenha no telheiro.

GALINHEIROS — As galinhas estão grandes e gordas e já começaram a pôr ovos. Nós todos adoramos comer uns ovos fritos...!

OBRAS — Fizemos uma sala para as pessoas que vêm nas excursões poderem almoçar com mais aconchego. As obras estão a ficar prontas. A sala terá casas de banho adequadas e também uma lotação para cem pessoas.

POMAR — Está com as árvores desfolhadas mas, na Primavera, estarão bonitas. Ali, naquele local, temos bastantes patos, galos, galinhas, etc. Um senhor veio cá e deu uma galinha linda e o Nando foi pô-la nesse sítio e começou logo a picar a terra...!

Filipe David

DESPORTO — O Grupo Desportivo não pára. Ora em nossa Casa, ora no campo do adversário, temos tido sempre os nossos encontros futebolísticos. Os jogos que se realizam cá em Casa, são brilhantados com as novas redes, graças à Fábrica Cotesi, na pessoa do Eng.º Edmundo Milheiro Sá, que não fez ouvidos «moucos» ao nosso apelo. Que bem elas lá ficam! Um dos jogadores exclamou, há dias: — *Agora até dá mais gosto marcar golos ao adversário...!*

Falando, mais concretamente, dos mais novos: O Hugo já regressou aos treinos. Muito embora só faça falta quem está, é sempre bom ver regressar todos aqueles que por este ou por aquele motivo, tenham deixado de dar o seu contributo. Com ele, começou a fazer parte do plantel o recém-chegado João, que veio da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Tem apenas 15 anos, mas promete ser mais um bom elemento para a equipa, apesar do convite (...). Não tem idade para fazer parte do escalão superior. É bom que se dê tempo ao tempo e se respeitem os escalões.

Acabámos o ano 2000 a jogar com o Clube Desportivo das Aves, 23 de Dezembro, para se ganhar mais apetite para as guloseimas de Natal. Acabou em beleza! E em beleza começou o ano 2001 a trocar a bola no campo com a presença do Rebordosa Atlético Clube. Não podia ter acabado e começado melhor.

Já temos outros jogos em agenda para o mês de Fevereiro, por exemplo: a 4, Associação Desportiva Ovarense; a 11, Clube Desportivo de Estarreja; e a 24, o Futebol Clube da Maia. Para Março: Dia 3, o Futebol Clube Moreirense, em nossa casa; a 10, daremos o passeio um pouco mais longo, até Valença, para jogarmos com o Valenciano. Temos outros jogos em agenda, mas ainda sujeitos a confirmação. É preciso que tudo continue a decorrer como até aqui. Com disciplina e sempre



Os iniciados do nosso grupo venceram o Desportivo das Aves por 8-2.

bem presente na cabeça de cada um, que o desporto e, neste caso concreto o futebol, não é para servir de palco para campo de batalha.

Alberto «Resende»

TOJAL

FESTAS — O pessoal já começou a ensaiar as Festas grandes.

Esperamos que tudo nos corra bem para que, mais uma vez, possamos transmitir algo de que muita gente desconhece a realidade. Já temos alguns números muito engraçados e até lá surgirão outros.

PORCOS — A nós restamos dizer muito obrigado, porque foi com muito carinho que nos ofereceram uma porca. Ficámos muito contentes por sabermos que, daqui a algum tempo, haverá mais crias.

OVELHAS — Alguns dias atrás fomos assaltados e, hoje, enquanto escrevia a crónica, estavam aí novamente os indivíduos para levarem mais um carneiro! Desta vez, porém, tiveram pouca sorte: os nossos rapazes não permitiram que isso acontecesse.

FUTEBOL — No ano corrente, saímos vitoriosos de todos os jogos realizados. Na semana passada fomos jogar com os rapazes de Coimbra e, mais uma vez, a vitória foi nossa. Agora, esperamos mais vedetas para outro grande desafio.

VIAGEM — Temos connosco o Padre Custódio, de Moçambique, de visita às Casas do Gaiato, aqui, a Portugal. Celebrou Missa e contou algumas das suas histórias; como é que o amor de Deus é tão forte para connosco, mesmo sabendo que o Seu Filho iria ser maltratado pelos homens. Enviou o Seu Filho Único para a Salvação dos homens.

Agora, vai regressar a África, à Casa do Gaiato de Malanje, onde ficará algum tempo enquanto o nosso Padre Telmo vem a Portugal para descansar um pouco. Ele precisa!

Abílio («Pequeno»)

SETÚBAL

LIMPEZA — A gente é que faz a limpeza toda, na Casa. As ruas são varridas pelos mais pequenos, mas a Capela são os mais velhos que a limpam. A vacaria, os rapazes da semana. A cozinha, os cozinheiros e os da copa. O refeitório, os rapazes marcados. As casas-de-banho e os corredores, os da limpeza. As camaratas é a Fatinha mais alguns que se oferecem. Também há dois rapazes para despejar as papeleiras e os latões nos contentores. Cada um tem a sua tarefa, mas todos têm a obrigação de limpar o que está sujo e apanhar o lixo que encontram no chão.

Júlio M. S. Neves
e Carlos Nascimento

CONCERTOS — Quando há coisas estragadas, é quase sempre a malta que arranja tudo. Chamamos os das oficinas ou, então, gaiatos antigos que vêm cá ajudar, quando são arranjos mais difíceis. Só, às vezes, é preciso chamar alguém de fora. Há dias, estiveram cá, outra vez, os serralheiros e os carpinteiros e deram a volta à Escola todinha. Arranjaram janelas, portas e fechaduras, e meteram tacos novos no chão. Também estiveram a arranjar coisas na cozinha, nos quartos e nas casas-de-banho. Fazemos quase tudo! Até arranjar os tractores e as máquinas, pintar as paredes, meter canos, assentar azulejos, etc.

Carlos Nascimento

CALÇADA — Já acabámos de fazer a calçada. Mas deu muito trabalho porque éramos nós que fomos buscar as

pedras. Escavávamos e metíamos-as na camioneta para se mandar os homens pô-las na calçada. Por baixo, púnhamos uma brita própria e assentávamos as pedras com cuidado. Batíamos com um martelo e pisávamos com uma máquina de bater calçadas. No fim, espalhávamos (com as vassouras e rodos) o pó de areia e o cimento seco para betumar, e regávamos umas pingas de água com a mangueira. Mas, antes, fazíamos uma cofragem à beira da calçada, dum lado e do outro, e enchíamos com cimento e ferro para se travar as pedras e a calçada não se estragar. Ficou bem feita. Parece mesmo uma estrada!

Ricardo Garcia

«LOTA» — Tem sido notícia diária no bulício dos rapazes. Gosta de aparar o bigode e trazer penteados à moda. Ninguem o bate!

Mesmo sem dinheiro, fuma o seu cigarro e tem sempre companhia.

Já correu Seca e Meca com o trabalho. Não assenta em lado nenhum. Onde chega, mente. A mentira só dura enquanto se não vê o rabo de fora do pai dela. Curto espaço de tempo. Fica logo apanhado!

Há dias, foi dizer ao patrão que, aqui em Casa, não lhe dávamos comida. — *E o tabaco?*, perguntou o senhor. — *O tabaco dão-mo.* Viu-se logo que o rapaz falava verdade!

Não gosta de lavar a sua marmitta e tomar nela a comida para o almoço do dia seguinte — como fazem os colegas que trabalham fora e não têm tempo para almoçar no Lar.

Também armou zaragata com a senhora por causa da sopa. — *Eu não gosto de sopa!*

Ao Evelísio, da sua mesa, não agradou a má criação e impôs-se: — *Se não comes sopa, não comes mais nada!*

Quando chegou o segundo, que era carne de vaca da nossa, estufada e apetitosa, o homem agigantou-se. Mas o Evelísio pôs travão: — *Primeiro comes sopa!*, e pôs-lhe a sopa no prato.

Foi o bonito no refeitório... Eu que estava na mesa ao lado e não me havia apercebido de nada, assuste-me; e os outros também... Mas o «Lota» comeu a sopa.

Repórter zero

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro, 64.700 exemplares.

Notas do Tempo

Continuação da página 1

por sobre a incapacidade radical de alguns, é preocupante a denúncia frequente das dificuldades na concentração, na retenção do que aprenderam, na desmotivação de muitos outros. Turmas pequeninas, Professora de apoio, leite e alguma coisa mais ao meio da manhã! Então porque resultamos tão precários à vista dos que se conseguiram quando a mesma população era distribuída por três turmas e sem os adjuvantes que agora há?! Que o sistema escolar não é

feliz — disso não tenho dúvida. Mas nem sequer é este, hoje, o alvo destas considerações! É mais profunda a questão: Trata-se do amorfismo das crianças que povoam as nossas Escolas, o qual é, com certeza, consequência e sintoma de males sociais que precisam de cura a montante destes que as crianças evidenciam.

O materialismo que se respira, leva a identificar o social com o económico. Tudo se mede em índices desta área. Haja dinheiro, haja bem-estar — e tudo estará bem...!

Não está. Este olhar sobre os tempos mostra-nos que, a par do crescimento económico, há um decrescer de humanidade que resvala continuamente a ponto de (como está acontecendo...) ser permitido acorrentar pessoas ou encurralá-las meses, para gáudio da população e pelo preço, em dinheiro e notoriedade fictícia, que nunca paga a hipoteca da sua dignidade.

Ao olhar para os nossos Rapazes, de onde eles vêm e para onde irão..., frente a um mundo que esmaga, regido por uma Economia sem alma, com um conceito social que parece nada ter com os bons costumes, com os valores morais, com os direitos do Homem, de que tanto se fala e tanto se atropela justamente pela demagógica omissão

do apelo aos seus deveres fundamentais — não podemos furtar-nos a um sentimento de angústia.

E olhando, também para tanta culturite e desportivite e obras e milhões e milhões para isto e aquilo e tanta coisa que só acidentalmente e efemeramente servirá os homens, mais uma vez pergunto: Quando é que o Homem terá a pugnância por si desde as suas origens, um Ministério da Família que trate expressamente dessa primeira sociedade sem a qual nenhuma outra terá alicerces estável; e a defesa como cão de raça e de guarda que, embora morda os intrusos, não é de forma alguma figura de predador?

Padre Carlos

SETÚBAL

Manifestar a abundância

MANIFESTAR a abundância de dons materiais que o Pai do Céu, por intermédio dos Seus filhos adoptivos, pôs em nossa Casa, no aniversário do nascimento do Seu Filho Unigénito — Natal — é obrigação a que não me posso esquivar.

Há quem me critique, achando que tudo deve ficar no segredo de Deus e que nada deve transparecer. Sou da opinião do Evangelho que, aliás, sempre tem sido seguida pelo O GAIATO e foi prática do Padre Américo: noticiar de forma anónima, ressaltando sempre o mérito sobrenatural de Quem deu. «O Pai do Céu que vê no segredo dará a recompensa.»

A quase todos os particulares escrevemos, acusando a recepção do seu donativo quando não o havíamos feito aqui, em Casa, por altura da entrega. Por esses estamos descansados, mas as dádivas colectivas e, sobretudo, aquelas que foram juntas por grupos de amigos ou amigas, de gente anónima, e, nas suas mãos depositadas, essas, sim, têm mesmo de vir no Jornal.

Assim, aparecem as «Amigas do Montijo» empenhadas pelo sr. Martinho, pela nossa Festa naquela Cidade e, sobretudo, no Natal, com muitos mimos e amizade estimulante, trouxeram 604.000\$00.

Devotos da Moita, 118.000\$00. Da Quinta do Perú, 105.000\$00. De Águas de Moura, 20.000\$00. Da Quinta do Conde, 72.000\$00. Castelo Branco, 14.000\$00. Monchique, 100.000\$00. Sesimbra, 25.000\$00. Dos vicentinos, 56.095\$00. Agrupamento das Escolas da Freguesia de

Pegões, 300.000\$00. Do Zambujal, 70.000\$00. Pela Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, 25.000\$00. Peregrinação da Paróquia do Seixal, com assinaturas, 166.000\$00. Num sobrescrito deixado no altar da nossa Capela, 170.000\$00.

Outro anúncio antigo e sempre renovado em todos os Natais, é o dos Trabalhadores de várias empresas. Atitudes de generosidade que muito nos incitam a continuar. Homens e Mulheres de trabalho cujo coração não se fecha no «O Estado que resolve os problemas dos miúdos». Verdadeiramente em nada nos empenhamos nos assuntos do Estado. Isso é com os seus funcionários. Dói-nos, sim, a situação das crianças e dos rapazes desamparados. Por eles, pela sua realização e felicidade, damos a vida e arriscamos tudo. Nesta tarefa encontramos a partilha dos Trabalhadores da Portucel, cuja cotização rendeu 263.060\$00; da Secil-Outão, 245.075\$00; do Centro Regional da Segurança Social, 95.170\$00.

Também a Administração das Empresas nos enviaram, na quadra natalícia: a Portucel, 150.000\$00; a Secil, muitos pares de botas novas e bombons, bem como todo o cimento gasto ao longo do ano; a Sapec, vinte toneladas de adubo, bem como pesticidas; a Soonda, 700 contos; a Setubauto, vinte contos; a Engil, mil contos; o mesmo, Nonio Hiross. Navigomes, 600.000\$00; Chirou, Lda., 425.000\$00. Adelino & Romão, trinta; J. J. Torcato, de Palmela, a mesma quantia; Rafael & Gomes, Lda., cem contos; Sonipo, 400.000\$00; Cultagri, 200.000\$00.

TRIBUNA DE COIMBRA

O nosso Natal

PEQUENOS acontecimentos fazem o dia-a-dia da nossa vida; simples, e, por vezes, tão comuns, que nem sempre captamos a mensagem que cada um traz em si. Assim foi o nosso Natal, recheado de «presenças» quer através do correio quer pessoalmente. Foram muitas as cartas e cartões de Boas Festas que expusemos no placard da nossa sala de jantar para que todos sentíssemos o calor da amizade de tantos Amigos que temos. Lindos cartões! Presépios pintados por artistas célebres e que imortalizaram a mensagem do Natal. Nada se compara aos que apenas traziam o pai natal ou, simplesmente, a árvore de Natal. Tão pobres são alguns cartões de Natal! Curioso, dos recebidos de entidades, quase nenhum fazia referência ao Mistério central do Natal. Compreende-se... São outros os interesses. Mais importantes, sem dúvida, as palavras de estímulo e coragem que nos eram dirigidas em cada um deles. Uma linda moldura de sentimentos! A par disso, os presentes prateados, os doces e salgadinhos sem conta; mercearias, roupas e calçado de todos os tamanhos e feitios e os brinquedos que deliciam os mais pequeninos quando acordam de manhã. Cheques de gente pobre e de gente rica, desde um de quinhentos escudos até um de quinhentos contos e só Deus sabe quem melhor reparte. Também isto é segredo de Natal! É sempre uma cons-

tatação feliz — que até, não raro, na nossa pequenez, nos deixa confusos — do grande amor que os portugueses, principalmente a gente do povo, nutre pelos gaiatos, pela Obra da Rua, pelo Padre Américo. Tocamos algo de invisível! Deus seja louvado por tanto carinho anónimo e tão próximo para connosco

No concreto destacamos a presença de um grupo de Sangalhos. Animaram a Eucaristia com arte no canto, ofereceram o almoço e deixaram uma boa oferta em dinheiro e cheques. A Auto Industrial, de Coimbra, com a sua habitual presença. Este ano também a Soporcel com um valioso cheque. A partilha dos Amigos de Paradela da Cortiça que, encantados com os dotes artísticos dos rapazes, abriram os cordões à bolsa. Envelopes na Casa do Castelo. As «sobras» da festa dos finalistas de Engenharia Informática. A Junta de Freguesia da Sé Nova nunca falha e sempre com o respectivo aumento. Diga-se o mesmo da Confraria da Rainha Santa; do Mendes Gonçalves, da Golegã; da Dealtina, de Lis-

boa; da Isabel, do Gavião; do aposentado, de Almeida; da Auta e da Imelda, de Castelo Branco; do Zé Carmona, de Cebolais; do Sá Campos Gil e do A. Silva Rodrigues, ambos de Coimbra; das Caves Real do Cedro, de Poutena; do J. Penetra, da Mealhada; e do CNE, da dita Vila; dos nossos Amigos e Assinantes de Alcains, Cafede e Tinhaldas; dos Hengler, pai e filho, da Lousã; da M. Céu Seabra e sua prima, do Luso; de M. Plácido, de Seia; de J. M. Antunes, de Coimbra; do apartado 10, de Taveiro; do J. Gonçalves, da Covilhã; do Pe. Henrique, de Unhais; dos nossos antigos e sempre actuais Carlos Alberto, Chico Zé e Zé Martins. Já o Natal ia a cair no «esquecimento», quando a Isabelinha nos telefonou. Pediu a palavra de Pai Américo com o arremate do costume. A seguir, veio a merenda numa pastelaria da Baixa, em Coimbra, e o envelope do costume cheio de notas de 5 mil. Finalmente, a despedida, como é seu costume, sem se fazer notar. E diga-se lá que Deus não está vivo?!
Padre João

As ofertas individuais ficam então no nosso livro e no Livro da Vida que, um dia, no verdadeiro e definitivo Natal, todos leremos com júbilo e Acção de Graças.

Queria também partilhar com quem repartiu connosco, a alegria de termos dado, no final do ano, uma casa a uma família pobre. É um rés-do-chão com três assoalhadas, em segunda mão. Curámos, assim, uma dor em nós, avivada pela Associação dos Antigos Gaiatos. Um deles tem uma Imobiliária. Tratou sempre de tudo, gratuitamente. Os rapazes colaboraram e nós demos 11.500 contos.

Aquela família, que vivia com outra gente numa fábrica abandonada, tem a sua casa. Foi o nosso Jubileu. Grato a Deus que tocou no vosso coração e a vós que vos deixastes atingir.

Padre Acílio

Zé Eduardo



OS Leitores de antanho que acompanharam esse título magnífico do nosso «Famoso» que era o «Isto é a Casa do Gaiato» — o que não sobreviveu a Pai Américo — lembrar-se-ão, sem dúvida, de como ele explorou as traquinices de alguns rapazes,

com uma profundidade e uma graça... que só ele!

Um desses rapazes foi o Zé Eduardo, companheiro na viagem ao Brasil, em cujas crónicas também foi muito falado.

Era um rapaz inteligente e com uma finura natural, que fez o quinto ano do Liceu naqueles tempos em que este nível era uma Universidade. Com as asas que tinha, aprendeu a voar. Era um daqueles que trazia à superfície a lembrança de um Amigo que nos amou com muita inteligência e um dia nos dissera: «Quando vos aparecerem rapazes com asas, mandem-mos; gostaria de os ajudar a voar». E o Zé foi trabalhar com o sr. Afonso Pinto de Magalhães. (Ele, e por aqueles anos, uma dezena deles!)

Fez a sua carreira no Banco e, depois de reformado, trabalhava em algo ligado à Bolsa. Mas esta actividade não o impedia de consagrar tempo e energia livres à Cooperativa de Habitação dos Gaiatos de que foi um dos fundadores e principais responsáveis.

Toda a sua vida viveu próximo da Obra, dentro da regra de nunca se envergonhar de ter sido gaiato; regra de que há excepções, mas, graças a Deus, poucas! Porém, foi, justamente, nesta actividade última ao serviço de irmãos a braços com o problema da habitação que mais perto colaborámos e eu fui testemunha de algumas contradições que sofreu — que o espírito de justiça e a gratidão não são virtudes universalmente pujantes nos que se vêem servidos!

Eis uma achega aos padecimentos de saúde que, há algum tempo já, o afligiam e nesta fase final muito, a fundamentar a nossa esperança de que o Senhor, que lhes pôs termo, o terá chamado a Si.

Hoje, Festa da Conversão de S. Paulo, vamos entregá-lo à terra, pedindo ao Apóstolo que seja defensor dele e de todos nós, no Processo da Conversão que deve ser a ténpera constante da vida temporal do homem. E que seus filhos e netos guardem e acrescentem o património de tudo que de verdadeira e perenemente bom foi a sua riqueza.

Padre Carlos

ENCONTROS EM LISBOA

Uma visita

ESTEVE entre nós a passar uns dias, a fim de nos conhecer, o Padre Custódio que em Junho foi ordenado, em Maputo, Moçambique, para o serviço da Obra da Rua. Procurámos recebê-lo bem. Muitas vezes me aconteceu cruzar com ele os olhares, mas, logo a seguir, tinha de os baixar e, dentro de mim, sentia uma enorme mágoa e medo de o magoar com o estardalhaço das nossas coisas comparadas com a penúria do povo que traz no seu coração.

Nos dias que passou entre nós decorreu a semana da reunião dos países mais ricos em Davos, na Suíça. Dessas magnas reuniões, para além do aparato policial e jornalístico, pouco resta de esperança para o mundo, sobretudo para o mundo dos Pobres. Esta gente brinda-nos com grandes discursos e contas infinitas cheias de projecções e estatísticas. Olha-se o umbigo e a esperança de uma vida melhor esfuma-se para mais de oitenta por cento da Humanidade. A globalização da Economia cifra-se em mais lucros para quem já tem e menos dignidade para quem nada tem. Dói este racionalismo económico, de sentido único, parecido com o curto raciocínio de Judas face ao perfume derramado nos pés de Jesus pela mulher de Magdala. Quando introduzirmos na Economia expressões humanizadas como solidariedade, dignidade, fraternidade, fragilidade, partilha, ajuda gratuita e desinteressada? Por enquanto temos outra linguagem e, no entanto, há dois mil anos

andou um Nazareno pelas vilas e cidades dos arredores a pregar as bem-aventuranças, a colocar-Se no centro do Juízo final, a explicar o feito do samaritano, a integrar a mulher adúltera, etc.

Também por estes dias em que o Padre Custódio esteve connosco, alguns jornais davam conta do drama da sida nos países subsarianos, nomeadamente em Moçambique, onde os dados cruéis são assim: o vírus da sida atinge 1,52 milhões de Moçambicanos (8% da população); cerca de 750 mil infectados são jovens com menos de 25 anos; no ano 2000 (o do Jubileu) das 274 pessoas que morreram, por dia, contaminadas, 140 eram crianças com menos de 14 anos; existiam cerca de 490 mil crianças contaminadas que são órfãs de pai e de mãe mortos pelo vírus; mais de 500 professores morreram vítimas da sida... São estas e outras coisas que me fazem baixar o olhar com medo de ferir.

Naturalmente que dentro de mim surgia a pergunta: Podemos nós, pode a Igreja fazer alguma coisa? Durante o ano do Jubileu a cristandade assentou arraiais em Roma e no Papa, não deixando muito que «as vilas e

cidades dos arredores» se exprimissem ou se mostrassem, apesar de aqui ou ali ser aflorada uma ou outra questão como o perdão da dívida dos países mais pobres. Apesar deste centralismo numa zona que não faz parte da periferia, mas participa na voz dominante do centro, a Igreja tem, por esse mundo dos Pobres periféricos um trabalho magnífico, onde o martírio com o dom da vida até à exaustão é frequente. Gostaria que as nossas Igrejas que participam no banquete dos países onde se tomam as decisões pudessem, de uma forma mais eficaz, mostrar não só as Igrejas que mergulham na vida dos povos marginalizados, mas trouxessem os próprios povos que aí vivem para as páginas dos jornais e mostrassem esse mundo. Talvez as nossas lógicas da boa consciência e das boas contas começassem a esboçar-se um pouco. Talvez assim houvesse o terreno favorável ao milagre de termos uma terra habitada por homens a viver a aventura da fraternidade.

Um abraço a Padre Custódio e muito obrigado pela sua presença, que despertou em mim novos sonhos e novos mundos.

Padre Manuel Cristóvão

PENSAMENTO

É justamente a defender causas justas e honestas que os homens se fazem santos e são Homens.

PAI AMÉRICO

BENGUELA

Três milhões sem registo

SÃO crianças, por certo, na sua maior parte. Nascerem e crescerem sem que alguém cuide do seu registo. Oficialmente não existem. No interior, fora dos centros maiores, aonde a devastação da guerra tudo levou, não há qualquer possibilidade. Nos meios urbanos, também parte considerável não é registada. Há várias razões, com certeza, para este tipo de abandono em que as pessoas vivem. Há falta de informação junto das pessoas, da necessidade do registo; informação constante, oportuna, esclarecedora dos motivos desta prática. Este facto acontece, normalmente, nas camadas mais baixas da população, a quem falta tudo. Não têm dinheiro para registar a criança. Há necessidade de campanhas de registo gratuito, no meio do povo. De contrário, não dá. Recordo-me duma dessas campanhas, há anos, de que resultaram benefícios.

O período das matrículas escolares é um aguilhão que acorda os pais ou encarregados de educação para a necessidade do registo civil das crianças, em idade escolar. A porta das nossas Escolas está aberta. É uma avalanche de pedidos para entrar. Todas as mães e pais querem os seus filhos na Escola. Alegro-me muito. Quando damos a mão o povo, estende a sua e vem. Que maravilha! A nossa presença e a nossa vida, aqui, é luz e é vida também.

Quase na sua totalidade, os candidatos à Escola pela primeira vez, não têm cédula. Estamos metidos na campanha do registo civil das crianças. O ano passado, no mesmo período, pagámos mais duma centena de cédulas de nascimento. Este ano vamos nas dezenas. Estou convencido de que muitas crianças estão fora do circuito escolar por falta de documentos. Bem sei que milhares delas não têm Escolas suficientes. Mas há uma boa percentagem que não vai à Escola porque não tem registo de nascimento.

Há poucos dias vieram, do Cubal, dois irmãos. O mais novo tem quatro anos; o outro, doze. Gemi, por todos os lados, que não podia recebê-los. Fui vencido, mais uma vez. Há quatro anos que não sabem dalguma pessoa de família. Têm bases humanas. Experimentaram o carinho das Irmãs Teresianas e não sabem mais o que fazer. Estamos no nosso lugar. Somos para os casos extremos, antes que seja tarde demais. É preciso despertar. É preciso acordar para a realidade da criança abandonada e dar-lhe a mão enquanto é tempo. O *hóspede da rua*, chamo-lhe assim, porque normalmente tem alguém de família, bate-nos à porta e não vai à Escola porque, diz, não tem cédula. Pode ser verdade, mas necessita doutro apoio mais estável, com estrutura simples e acolhedora, de carácter transitório, antes que seja tarde e vá parar à Penitenciária. Precisa de recuperar a estabilidade física e psicológica que, de momento, não tem na família.



Vai entrar em obras a casa da família cuja mãe é uma de seis irmãs. O exterior não mostra o que vai por dentro.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Lições de Teologia

QUERIA começar estas linhas com um excerto de uma carta recebida: «Ao ler a notícia do casal que vive num casebre muito pobre, lembrou-me o Menino Jesus nascido numa manjedoura, e com todas as dificuldades que todos nós pobres temos, daí que não me canso de dar graças a Deus por tudo o que me tem dado... Lembrei-me também de todos: os meus e os outros, os que têm e os que não têm...»

Os Pobres são uma agulha que pica o nosso espírito e o desperta à oração. Não é um ai! de rejeição que brota de nossos lábios; é uma dor que abre à comunhão fraterna. Primeiro, o encontro com Jesus, Aquele que nos foi enviado. Depois, o encontro consigo mesmo. Por fim, os outros, os próximos e os afastados, os que não carecem de bens materiais e os pobres deles.

São lições de Teologia que os nossos amigos partilham connosco. Mas será que são muitos os despertados para estes encontros com a Vida?

O nosso País, nestes dias, tem sido lugar de muitos acontecimentos de dor. São os naturais, sem paralelo na memória dos mais

velhos; são os causados por mão humana, com uma frequência e gravidade entre nós nunca experimentada. Será que daqui vai nascer uma maior consciência do que somos para irmos em busca da nossa origem primeira, e então abriremos a nossa alma a uma maior grandeza no viver?

Queria trazer à luz as palavras de outra nossa Amiga, as quais são resposta para esta falta de compreensão da vida: «É hora de dizer a Jesus Cristo, tão profundamente identificado com os homens do nosso tempo: — *Eis-me aqui!*»

As obras na casa da família cuja mãe é uma de seis irmãs, vão arrancar. Levará um telhado novo e uma arranjo geral. Os dois rapazes terão um quarto para ambos; os pais terão outro; haverá uma sala para todos; a cozinha manter-se-á a existente. Até aqui era um quarto para todos.

Fica ainda um nó na garganta: não está em projecto construir uma casa-de-banho. Não devemos consentir em tal! Juntos com a Conferência Vicentina, pois a família com nada pode contribuir, haveremos de encontrar solução...

Padre Júlio

Sei que estou a falar de soluções difíceis, sobretudo porque faltam cireneus dedicados, a tempo inteiro, ao cuidado dessas crianças. Parece-me que este problema tem sido tratado a nível de gabinete, com alguma exuberância e atenção, mas, no terreno, há muitíssimo mais para fazer. Faltam pessoas dedicadas a 100% a estes filhos.

O lugar deles não é a Casa do Gaiato, pois a solução ideal para estas crianças, fora da família, deve ser provisória. O seu lugar definitivo está no regresso à família.

Saboreai comigo este pedacito de Pai Américo: «*Se tu amasses verdadeiramente a Criança da rua, num instante havias de compreender que ela tudo merece e acharias pouco todo o bem que se lhe faz.*»

Padre Manuel António.

Calvário

Continuação da página 1

Estes doentes eram seres rejeitados, inúteis, desconsiderados e afinal quão úteis!

Eles são pobres ao serviço dos mais Pobres. Eles são quem nada vale no mundo a confundir os inteligentes, os poderosos, os crentes.

Confiteor Tibi, Pater — dizia Jesus naquele tempo.

Padre Baptista